

O USO DO MODO IMPERATIVO NO PORTUGUÊS RURAL DO ESTADO DA BAHIA

Lanuza Lima Santos¹

Resumo: Este trabalho realiza um estudo empírico sobre o uso do modo imperativo nas comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus e Poções do estado da Bahia. Baseado nos princípios teóricos metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana, o estudo visa sistematizar a configuração sociolinguística do fenômeno em foco, buscando definir seus condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos. Busca-se ainda, verificar a relevância da hipótese da transmissão lingüística irregular na configuração do português popular do Brasil. Para tanto os resultados foram confrontados com os observados em estudo da mesma variável em comunidades marcadas etnicamente. A amostra em análise é constituída de 24 inquéritos das comunidades rurais de Santo Antonio e Poções. Os inquéritos se subdividem de acordo com a zona. Assim, para cada comunidade de fala, temos 12 inquéritos da sede e 12 da zona rural. Os resultados apontaram o predomínio das formas do indicativo com 70% do total de 406 ocorrências, e frequência de 30% para a forma do subjuntivo, percentual superior ao encontrado no português afro-brasileiro. A análise dos resultados revelou a relevância da transmissão lingüística irregular na configuração desta variável.

Palavras-chave: Imperativo; Sociolinguística; Português Rural

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado consiste em um estudo empírico da realização do modo imperativo em comunidades rurais do interior do estado da Bahia. Trata-se de um estudo em tempo aparente nas comunidades baianas de Santo Antonio de Jesus e Poções.

Com base nos princípios teóricos metodológicos da sociolinguística variacionista de Willian Labov (1994), buscou-se descrever e sistematizar o uso variável do imperativo, observando os condicionamentos estruturais – internos à língua –, e os sociais – externos, mas não menos importantes.

Considera-se, neste trabalho, que ao lado da forma canônica da 3ª pessoa do imperativo (provinda do modo subjuntivo) está operando, segundo Marta Scherre (2005), uma forma resultante de uma associação à 3ª pessoa do presente do indicativo. A hipótese sustenta-se no fato do uso do pronome *tu* não ser corrente nessas comunidades, ocorrendo em contextos restritos e com a mesma flexão verbal usada para o pronome *você* (cf. OLIVEIRA 2007). Assim, como argumenta Scherre (2005), “*não se pode fazer associação com um tu que não existe e não se pode tirar o –s de um tu com forma verbal sem –s*”.

A realização do imperativo constituiu, portanto, a variável dependente a ser analisada neste estudo, tendo como variantes as formas verbais da 3ª pessoa do presente do indicativo (*fala*) e da 3ª pessoa do presente do subjuntivo (*fale*) usadas com valor imperativo na referência à 2ª pessoa do discurso.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia - UFBA/PIBIC/CNPq. Orientador: Dante Lucchesi, Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Elaborado no âmbito do **Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia**, o trabalho intenta, além da análise e compreensão do fenômeno lingüístico, verificar a influência do contato lingüístico na formação do português popular do Brasil, sobretudo das línguas africanas.

2. O CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Na história das línguas, o contato massivo entre populações de culturas distintas e que falam línguas ininteligíveis entre si pode desencadear o que chamamos de língua *pidgin* e de língua *crioula*. Em contexto multilingüístico, a necessidade de comunicação emergencial gera adaptações na língua dos interlocutores, tais como reduções ou simplificações e, até mesmo, reestruturação gramatical da língua alvo.

O contato, no entanto, nem sempre resulta em pidginização e/ou crioulação. A maior ou menor interferência das línguas dos falantes dominados na formação de uma nova língua pode desencadear níveis diferenciados de reestruturação gramatical que dependem do contexto histórico e da duração que se deram as relações lingüísticas. A partir daí que surge o conceito de *transmissão lingüística irregular*, que segundo Lucchesi, 2000 “*constitui um contínuo de níveis diferenciados de socialização/nativização de uma língua segunda, adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-históricos específicos*”. Na transmissão lingüística irregular a mudança da estrutura gramatical é menor: observa-se a perda de morfologia flexional e perda nas regras de concordância nominal e verbal, ou seja, não ocorre a perda total da gramática como ocorre normalmente na crioulação.

A implantação da língua portuguesa no Brasil tem na colonização portuguesa seu marco inicial. Ao longo desse período, registra-se um multilingüismo acentuado, marcado pela convivência entre as línguas portuguesa, indígenas e africanas. Dessa forma, a história da formação do Brasil é marcada por um processo de massivo contato cultural entre portugueses e outros povos, sobretudo africanos.

Os escravos africanos, transplantados da África subssariana, sobretudo do domínio banto e da costa ocidental (cf, PESSOA DE CASTRO 2002), e polilíngües entre si, são condicionados pelas circunstâncias sócio-culturais a aprender a língua do dominador. Tem-se então uma aprendizagem de segunda língua de maneira precária. É este modelo deficiente do português que servirá, em muitos casos, de base para aquisição da língua portuguesa dos descendentes dos escravos. Segundo Mattos e Silva (2000), os africanos e afro-descendentes atuaram como principais difusores do português vernáculo ou popular brasileiro.

O português brasileiro atual apresenta uma realidade lingüística polarizada, constituída pela norma culta e pela norma popular (cf. Lucchesi, 2002). O português popular apresenta marcas que nos permitem pensar numa relação histórica com o processo de *transmissão lingüística irregular*, que seriam resultado do modo de apreensão da língua portuguesa no período colonial. Esta relação é objeto de estudo do projeto Vertentes, no qual se insere esta pesquisa.

3. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o *corpus* do português rural do projeto vertentes, composto por 48 inquéritos distribuídos entre as comunidades de Santo Antonio – no recôncavo baiano – e Poções, localizada no centro-sul do estado, no planalto de Conquista.

Os inquéritos constituem amostras da fala vernácula, extraídas por meio de diálogos espontâneos entre informante e documentador. Os informantes estão distribuídos em três faixas etárias: Faixa 1 (20 a 40 anos); Faixa 2 (40 a 60 anos); Faixa 3 (mais de 60 anos). A seleção dos informantes considerou, ainda, variáveis sociais como: nível de escolaridade (diferenciando os falantes com nenhum ou algum contato com o letramento – respectivamente, analfabetos e semi-analfabetos); estada fora da comunidade (período acima de seis meses); sexo.

A partir da seleção do *corpus*, deu-se início ao levantamento exaustivo das ocorrências de verbos no modo imperativo nas formas de indicativo e subjuntivo. Além do levantamento, o trabalho contou com uma etapa de audição das ocorrências, a fim de atestar a veracidade da transcrição e garantir a confiabilidade da análise. Após essa etapa, procedeu-se à codificação dos dados com base em uma chave² definida para este fim.

As ocorrências codificadas foram submetidas ao pacote de programas das regras variáveis (VARBRUL), programa estatístico a partir do qual foram obtidos os dados quantitativos para a análise, relativos à frequência geral das formas variantes e a influência dos contextos lingüísticos.

4. O MODO IMPERATIVO

O modo imperativo no latim apresentava os tempos presente e futuro (cf. Mattos e Silva 1993: apud Sampaio 2001). Mattoso (1946) assinala o desaparecimento da forma do imperativo futuro *amate/ amatote* (2ª pessoa sing. e plu.) na passagem do latim ao português, representando uma simplificação desse modo verbal. Ainda segundo esse autor, não havia no latim formas imperativas de 3ª e 1ª pessoa do plural. Assim, as formas do imperativo eram complementadas por formas do subjuntivo, tal como ocorre no português atual. Destaca-se que o uso do subjuntivo pelo imperativo no latim era empregado a fim de atenuar ordens.

De acordo com o gramático contemporâneo Rocha Lima (2003), o modo imperativo é empregado, no português contemporâneo, na direção a um ou mais interlocutores a fim de manifestar uma atitude que queremos que este(s) execute(m). Dessa forma, o modo imperativo (cf. Beveniste, 2001, pg 196) “*não é denotativo e não aspira comunicar um conteúdo, mas sim se caracteriza como paradigmático e aspira atuar sobre o interlocutor, a intimar-lhe um comportamento*”.

As Gramáticas Tradicionais (Gts), de modo geral, apontam a existência de duas formas básicas para o modo imperativo: a *afirmativa* e a *negativa*.

O *Imperativo afirmativo* constitui-se um tempo misto, pois para sua formação concorrem as formas do presente do indicativo sem o –s final (para 2ªs pessoas singular e plural - *tu* e *você*) e as formas do presente do subjuntivo (para as demais pessoas verbais). Como modo dirigido ao interlocutor, não são admitidas as formas de 1ª pessoa, tanto no singular quanto no plural. Vale

² Conservou-se a chave de fatores utilizada no trabalho “O uso do imperativo no português afro-brasileiro. 2006.”

ressaltar, que a forma da 1ª pessoa do plural (*nós*) pode denotar a disposição do falante em associar-se àqueles a quem a ordem se dirige, o que justifica a inclusão desta forma no quadro geral do modo imperativo, por parte de alguns gramáticos, como Cunha e Cintra (1985). Assim, o modo *imperativo afirmativo* configura-se conforme o quadro abaixo:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu falo	eu fale	
tu fala(s)	tu fales	<i>fala (tu)</i>
você fala	você fale	<i>fale (você)</i>
nós falamos	nós falemos	<i>falemos (nós)</i>
vós falai(s)	vós faleis	<i>falai (vós)</i>
vocês falam	vocês falem	<i>falem (vocês)</i>

O *Imperativo negativo* é formado pela anteposição do advérbio *não* às formas do presente do subjuntivo (para todas as pessoas previstas): *não fales tu; não fale você; não falemos nós; não faleis vós; não falem vocês.*

Diversos estudos lingüísticos dedicados ao português falado têm percebido e discutido a impropriedade da regra normativa na realidade lingüística brasileira, observando discordância do padrão proposto com a realidade da língua falada.

Ao lado da forma canônica originária do subjuntivo, há um intenso uso, e até predominante em algumas regiões brasileiras, de uma forma inovadora, que, segundo a lingüista Marta Scherre (2005, p. 120), resulta do uso de uma forma associada ao modo indicativo. Trata-se da forma da 3ª pessoa do presente do indicativo (*você fala*) sendo usada com valor imperativo, tanto na forma afirmativa como na forma diretamente negada. Assim, o uso variável do imperativo no português brasileiro, manifestado nas formas do indicativo/ subjuntivo, constitui uma variável não estratificada, apresentando, conforme demonstram as pesquisas sobre o tema, a configuração de um fenômeno de variação dialetal. Nas regiões de Brasília, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro predomina o uso das formas do indicativo (cf. Scherre, 2005, p. 120), enquanto em João Pessoa-PB (Alves 2001) e Salvador-BA (SAMPAIO 2001) predomina a variante subjuntiva.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para esse estudo, foram levantadas todas as ocorrências de imperativo referentes à segunda pessoa do discurso (406 ocorrências), tanto na forma indicativa (*canta*), quanto na forma subjuntiva (*cante*), as quais foram codificadas conforme os aspectos sociais definidos na metodologia. Para o estudo do encaixamento lingüístico, foram definidas variáveis lingüísticas explanatórias: 1. Morfologia da forma verbal empregada com valor de imperativo (forma verbal simples ou locução verbal); 2. Tipo de frase em que a forma verbal é empregada (frase afirmativa ou frase negativa); 3. Paradigma flexional do verbo (verbo regular ou verbo irregular); 4. Presença ou ausência de um pronome complemento junto à forma verbal empregada com valor de imperativo; 5. Paralelismo formal; 6. Presença ou ausência de um pronome sujeito junto à forma verbal empregada com valor de imperativo (sendo que a ausência do pronome sujeito é a estrutura mais comum no contexto de imperativo); 7. Saliência fônica; 8. Número da pessoa do sujeito (sujeito no singular/ sujeito no plural sem verbo flexionado/ sujeito no plural com verbo

flexionado); 9. Pronome de tratamento utilizado com o interlocutor. Foram estabelecidas, ainda, as variáveis discursivas *tipo de discurso*, *identidade do interlocutor* e *característica da unidade textual* (mais ou menos marcador textual).

Os resultados foram observados em função da forma do subjuntivo, uma vez que esta foi a forma apontada como variante na realização normal das comunidades em estudo, como podemos observar no resultado da variável dependente.

5.1 Variável dependente

Realização do modo imperativo

- Forma subjuntiva 1) "ô Rita feche os olhos" INF (POR 03)
- Forma indicativa 2) "pergunta a tia se eu posso ir" INF (POS 04)

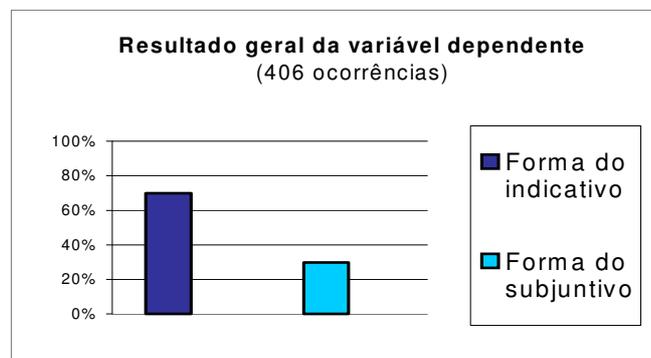


Gráfico 1: resultado geral da variável dependente

Conforme demonstram os resultados do gráfico 1, a forma do indicativo prevalece no português rural, com 70% do total de 406 ocorrências encontradas no *corpus*. Tal resultado corrobora com os encontrados no *corpus* do português afro-brasileiro, no qual a forma do indicativo também foi apontada como padrão com 86% das ocorrências. Embora haja predomínio do indicativo em ambas as comunidades, a forma do subjuntivo apresentou um índice sensivelmente maior nas comunidades rurais (não marcadas etnicamente), o que pode estar relacionado à urbanização e à influência dos padrões lingüísticos da capital, onde a forma do subjuntivo é predominante (SAMPAIO 2001). Tal quadro de distribuição confirma a hipótese de que essa forma não seria própria dessas comunidades, mas estaria sendo adquirida por influência externa dos meios de comunicação e dos centros urbanos, conforme demonstra o contínuo abaixo:

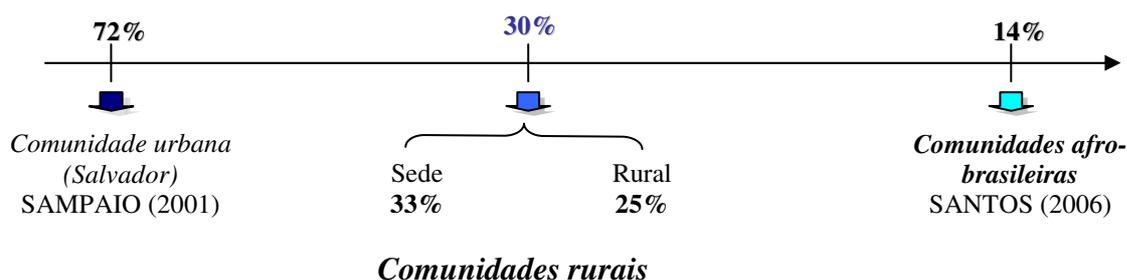


Figura 1: contínuo da distribuição dialetal da forma de subjuntivo com valor imperativo

A forma do indicativo (padrão nessas comunidades) teria sido estabelecida como forma imperativa, a partir do contato lingüístico durante a colonização, como resultado da redução ou perda de morfologia verbal, típica do tipo de situação corrente no período, denominado por Lucchesi (2003) *Transmissão lingüística irregular*.

5.2 Variáveis lingüísticas

Dentre as variáveis lingüísticas propostas para o estudo (observáveis no item 5, deste trabalho), foi selecionada como relevante no condicionamento da variante do subjuntivo apenas a variável paralelismo formal.

5.2.1 Paralelismo formal

Esta variável teve como objetivo atestar a relevância do princípio do paralelismo formal na seleção da forma do subjuntivo. O princípio, proposto por NARO e SCHERRE (1993), consiste na idéia de que uma forma, quando reiterada, tende a favorecer o uso de uma forma do mesmo tipo. Desse modo, o uso da forma de subjuntivo na oração anterior favoreceria a reiteração de uma forma da mesma natureza, ao passo que o uso da forma de indicativo seria um contexto desfavorável.

Nesta variável foram consideradas as ocorrências em que houve reiteração do modo imperativo. Assim, os resultados são apresentados em função de um total de 112 ocorrências.

- Forma do subjuntivo na oração anterior
3) Não pegue nada dos ôto meus filho, não **pegue**. INF (POS-08)
- Forma do indicativo na oração anterior
4) dá a Renildo, **dê** a Renildo INF (SAR-06)

TABELA 1: Uso da forma do subjuntivo com valor imperativo no português rural, segundo a variável paralelismo formal (Nível de Significância: .021)

PARALELISMO FORMAL	Nº DE OCOR./TOTAL	FREQ.	PESO RELATIVO
Forma do subjuntivo na oração anterior	26/34	76%	.88
Forma do indicativo na oração anterior	10/78	13%	.29
TOTAL	36/112	32%	----

Como atestado por diversos lingüistas, o princípio do paralelismo formal mostrou-se relevante, confirmando a hipótese inicial. Como pode ser observado na tabela 1, a ocorrência da forma do subjuntivo na oração anterior favorece a retomada desta forma com peso relativo .88, enquanto a ocorrência de uma forma do indicativo desfavorece com peso .29.

5.3 Variáveis discursivas

5.3.1 Tipo de discurso

Essa variável busca observar a influência da referência temporal do discurso no condicionamento das variantes, conforme as seguintes possibilidades:

- Discurso direto

O discurso direto diz respeito ao enunciado emitido pelo informante, referente ao momento presente, durante a entrevista.

5) *Venha cá Vanessinha, venha cá.* INF (SAR- 11)

- Discurso reportado

Como discurso reportado consideram-se as sentenças enunciadas pelo informante, que se tratam do reporte de um enunciado emitido pelo informante ou por outra pessoa num momento pretérito, ou seja, com referência no passado.

6) *Tinha gente que falava: “Ô, fulana, bota Chica na escola!”* INF (SAR-12)

Os resultados obtidos foram os seguintes:

TABELA 2: Uso da forma do subjuntivo com valor imperativo no português rural, segundo a variável tipo de discurso (Nível de significância: .021)

TIPO DE DISCURSO	Nº DE OCOR./TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Discurso reportado	93/332	28%	.44
Discurso direto	27/74	36%	.75
TOTAL	120/406	30%	

De acordo com a hipótese inicial, o discurso direto desfavoreceria o uso da forma do subjuntivo, uma vez que, por ser direto, estaria representando a fala menos monitorada do informante, assim refletiria de maneira mais saliente a norma do falante, nesse caso, a forma do indicativo.

No entanto, a hipótese foi refutada pelos resultados, com a forma do subjuntivo sendo favorecida pelo discurso direto com peso relativo .75. O resultado pode estar relacionado ao fato do fenômeno, em ser estudo, ser uma variável não marcada socialmente, o que implica num menor nível de consciência do falante quanto à variação.

5.3.2 Identidade do interlocutor

A variável identidade do interlocutor buscou constatar a influência do tipo de interlocutor na seleção das variantes, diferenciando interlocutores mais íntimos (membro da comunidade) de interlocutores mais formais (entrevistador, pessoa de fora).

Os valores definidos, a princípio, para esta variável foram:

- Entrevistador:

7) *Me dá licença aqui, xô desligá...* INF (SAR-12)

- Membro da comunidade:

8) *mais tome vergonha, não deixe o nosso sangue na rua não!* INF (SAR-10)

- Pessoa de fora da comunidade:

9) *"Você vá pra casa, quando a dô esquentá, você volte."* INF (SAR- 04)

- Seres espirituais:

10) *"Aí meu Deus, me alembra o qué que eu vô fala"* INF (POR 04)

- Animais:

11) *...fala po boi: "vorta, boi!", boi entende* INF (POR-06)

Os fatores seres espirituais e animais, devido ao comportamento categórico e ao pequeno número de ocorrências, foram retirados da base de dados durante a segunda rodada do VARBRUL.

TABELA 3: Uso da forma do subjuntivo com valor imperativo no português rural, segundo a variável Identidade do interlocutor (Nível de Significância: .021)

IDENTIDADE DO INTERLOCUTOR	Nº DE OCOR./TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Membro da comunidade	87/297	29%	.54
Entrevistador	8/46	17%	.12
De fora	23/52	44%	.71
TOTAL	118/395	30%	----

De acordo com os resultados, os falantes usam o subjuntivo com maior frequência com pessoas de fora da comunidade (peso relativo .71) e com pessoas da comunidade (.54), ou seja, em contextos de formalidade inversamente proporcionais. Tal resultado pode estar relacionado à heterogeneidade do fator *membro da comunidade*, que comporta indivíduos com diferentes níveis de intimidade com o informante (laços consanguíneos, relacionais e circunstanciais). Dessa forma, faz-se necessário um refinamento dessa variável para a obtenção de resultados mais elucidativos.

5.4 Variáveis sociais

5.4.1 Comunidade

A variável comunidade considerou a importância das diferenças sócio-culturais dos municípios na distribuição do fenômeno em questão.

Abaixo temos a caracterização sócio-demográfica dos municípios com base em dados extraídos dos *sites* do Ministério da Saúde e do IGBE.

INDICADORES SOCIAIS E DEMOGRÁFICOS DAS COMUNIDADES

COMUNIDADE	POPULAÇÃO*	EXTENSÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA EM 2000**	DISTÂNCIA DE SALVADOR	GRAU DE URBANIZAÇÃO**
Santo Antonio	86.970	259 Km ²	306,99 h/Km ²	200 Km	85,62
Poções	48.911	963 Km ²	45,86 h/Km ²	444 Km	71,93

* População estimada 2006 em 01.07.2006 (Fonte: IBGE)

** Censo IBGE 2000

Quadro 1: indicadores sociais e demográficos das comunidades

Fundado em 1883, o município de Poções tem como principais atividades econômicas a agricultura (produção de: café, feijão, tomate, mandioca, banana, milho, aipim e mamona) e a pecuária (destaca-se o rebanho equino). No setor de bens minerais, é produtor de ferro. Do ponto de vista cultural, o município caracteriza-se pela manutenção de algumas tradições folclóricas, como o Reisado e a tradicional festa do Divino Espírito Santo.

A cidade de Santo Antonio de Jesus é uma das mais importantes do recôncavo baiano, destacando-se como importante pólo comercial e de serviços de sua microrregião. Além do comércio, destacam-se como atividades econômicas do município a produção de gêneros agrícolas (produção de amendoim e limão e laranja), a pecuária (criação de bovinos e muare) e a produção de fogos de artifício.

TABELA 3: Uso da forma do subjuntivo com valor imperativo no português rural, segundo a variável comunidade. (nível de significância: .021)

COMUNIDADE	Nº DE OCOR./TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Santo Antonio	86/197	44%	.65
Poções	34/209	16%	.36
TOTAL	120/406	30%	

De acordo com os resultados apontados pelo VARBRUL para esta variável, o uso da forma do subjuntivo é favorecido na comunidade de Santo Antonio de Jesus, com peso relativo .65, enquanto o uso do subjuntivo em Poções é desfavorecido com peso .36. Este resultado está relacionado às características das regiões em estudo. O município de Santo Antonio, conforme o quadro 1, está localizado mais próximo da capital Salvador, assim está mais susceptível à influência dialetal dessa zona, que, como demonstra SAMPAIO (2001), prioriza o uso da forma do subjuntivo. Vale ressaltar, também, a influência do caráter urbano da cidade, reforçado pelo intenso comércio e elevada densidade demográfica. O município de Poções, por sua vez, geograficamente mais distante da capital e próximo da região de Minas Gerais (zona dialetal de indicativo) pode estar sofrendo influência deste estado no uso do imperativo. Além disso, esse município apresenta um caráter mais rural, com menor índice demográfico e menor grau de urbanização.

5.4.2 Localidade

A fim de atestar a influência da urbanização no processo de variação lingüística, foi controlada a variável social localidade, diferenciando a sede da zona rural.

TABELA 4: Uso da forma do subjuntivo com valor imperativo no português rural, segundo a variável localidade. (nível de significância: .021)

LOCALIDADE	Nº DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Sede	70/202	35%	.57
Rural	50/204	25%	.43
TOTAL	120/406	30%	

Conforme os resultados, o uso da forma subjuntiva é favorecido na sede dos municípios com peso relativo .57, enquanto na zona rural esse uso é desfavorecido com peso .43. Assim a hipótese da influência da urbanização, apontada na tabela 3, e defendida ao longo deste trabalho, mostrou-se significativa na distribuição das variantes do imperativo no interior do estado da Bahia.

Os resultados das tabelas 3 e 4 foram confirmados com o cruzamento das variáveis comunidade e localidade, conforme o gráfico 2, abaixo.

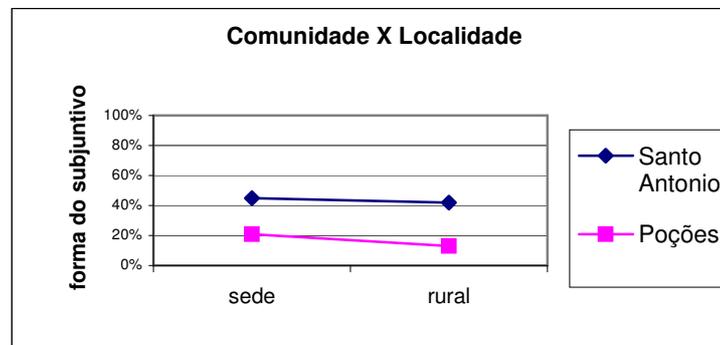


Gráfico 2: Cruzamento das variáveis comunidade e localidade.

O uso do subjuntivo mostrou-se mais significativo nas áreas mais urbanizadas nas duas comunidades. Em Santo Antonio de Jesus, essa diferença mostrou-se menos expressiva do que em Poções, o que pode estar associado ao intenso trânsito dos indivíduos da zona rural para sede naquele município.

As demais variáveis sociais não foram apontadas como condicionamentos pertinentes, o que pode estar ligado ao fato da variável em estudo ser um fenômeno não marcado socialmente.

7. CONCLUSÃO

O estudo do imperativo nas comunidades rurais do interior do estado da Bahia apontou a preferência do uso das formas do indicativo na expressão do modo imperativo nessas comunidades.

O encaixamento lingüístico do fenômeno demonstrou a relevância da variável lingüística paralelismo formal no condicionamento da variante do subjuntivo. A seleção desta variável, também assinalada no estudo do português afro-brasileiro, relevou a pertinência do princípio do paralelismo formal na configuração de fenômenos lingüísticos.

A relevância das variáveis sociais *comunidade* e *localidade* evidenciou o caráter diatópico do fenômeno em estudo, bem como comprovou a influência do centro urbano do estado no processo de difusão da forma do subjuntivo com valor imperativo. A comparação com o comportamento da variável no português afro-brasileiro (comunidades marcadas etnicamente) e na língua falada de Salvador revelou o ritmo da difusão do uso do imperativo. Assim, de acordo com a hipótese que orienta o projeto *Vertentes*, o padrão lingüístico do interior do estado da Bahia refletiria o pólo de formação da norma popular brasileira, baseado na transmissão lingüística irregular, enquanto o padrão de Salvador seria representativo do pólo de formação da norma culta.

A realização deste trabalho, portanto, buscou ampliar a visão acerca da expressão do modo imperativo, tendo em vista a hipótese da influência do contato entre línguas na configuração bipolar do português do Brasil. Conforme os resultados aqui apresentados, esta hipótese mostrou-se relevante na configuração do fenômeno lingüístico em estudo.

8. REFERÊNCIAS

- ALVES, Gilson Chicon. *Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense*. João Pessoa: UFPA, Dissertação (Mestrado em Letras), 2001.
- PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A língua Mina-Jeje no Brasil: um falar africano em ouro preto do século XVIII*. Belo Horizonte, 2002.
- CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto (1986). *Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil*. DELTA., Vol. 2, nº 1, pp. 01-15.
- IBGE. *IBGE cidades*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>. Acesso em 30 Jun. 2007.
- LABOV, William (1994). *Principles of linguistics Change: internal Factors*. v. 1. Cambridge: Blacwel.
- LUCCHESI, Dante (2002). *Grandes Territórios desconhecidos*. Linguística (ALFAL), vol 14, pp. 191-222.
- LUCCHESI, Dante (2001). *As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil*. D.E.L.T.A, São Paulo, 17: 1, , p. 97- 130.
- LUCCHESI, Dante (2003). O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, pp. 272-283.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (2000). Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. In: __. *Ensaio para uma sócio-lingüística do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, pp. 91-108.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976 (p. 127-137).

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Indicadores básicos em saúde*. Disponível em: <http://dtr2002.saude.gov.br/caadab/indicadores/index.html>. Acesso em 30 Jun. 2007.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2003, 43ª ed. p. 129.

SAMPAIO, Dilecia Almeida (2001). *Modo imperativo: sua manifestação/ expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA, Dissertação de Mestrado, ms. 214 f.

SANTOS, Lanuza Lima. *O uso do imperativo no português afro brasileiro*. (comunicação). 2006.

SCHERRE, Maria Marta e NARO, Anthony Julius (1993). *Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil*. DELTA., Vol. 9, nº 1, pp. 01-14.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A expressão do imperativo: variação sem marca de classe social. In: Scherre, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo (2007). *Tu e você no português rural do interior estado da Bahia*. (comunicação). Salvador.